

Entrevista Semidiretiva

Dados biográficos e profissionais

Idade - 35

Sexo - Feminino

Formação Académica – Licenciatura em professores do segundo ciclo do ensino básico na variante de Matemática e Ciências da Natureza.

Tempo de serviço – 12 anos

Tempo de serviço na presente escola – 7 anos

Cargos desempenhados - Orientadora de estágio ou professora cooperante; Diretora de turma, Coordenadora dos diretores de turma 2º ciclo, Coordenadora de disciplina.

A. Objetivos da organização / Funções do coordenador

Entrevistadora - Como é que tu caracterizas a evolução das funções do coordenador nos últimos anos?

Docente - Acho que têm sido atribuídas cada vez mais funções ao coordenador, não é?

Entrevistadora - Mais exigentes?

Docente - Sim.

Entrevistadora - Comparativamente com anteriormente?

Docente - Mais ativas, se calhar, não é? Tem um papel mais ativo no funcionamento da escola.

Entrevistadora - E esse ativo quer dizer o quê?

Docente – Que pode, pode, pode ajudar mais a construir aquilo que é feito na escola, não é? Ou a sua opinião tem um papel mais ativo, pode ajudar, enquanto que anteriormente eu acho

que era um papel, mais... menos ativo, no sentido em que a opinião não era tão importante, ou não era tida tanto em conta, não é? hoje em dia, o coordenador de departamento eu acho que tem a função de ouvir os colegas, fazer passar a mensagem, e tentar que essa, que a vontade do departamento vá avante mediante o diretor da escola, os diretores da escola.

Entrevistadora - Quais achas que são os principais constrangimentos, hoje em dia no exercício desta função? Quais são os principais problemas com que eles se deparam?

Docente - Primeiro, eu acho, eu acho que há alguma falta de tempo. Acho que é um cargo que exige muito trabalho, e que não tem tempo letivo, não é? se o coordenador está a dar aulas, não é? e tem que preparar todas as outras coisas, vai ter que dispôr obviamente de tempo, tempo seu e não tempo de escola, mesmo nas trinta e cinco horas, acho que não consegue se estiver, se tiver um horário completo, não tem horas suficientes para conseguir fazer o seu trabalho no tempo de escola. Acho que essa, é dos maiores constrangimentos. E depois claro, obviamente que dependendo do tamanho do, do departamento, não é? às vezes complica-se, quanto maior é o departamento, maior é o trabalho, não é?

Entrevistadora - Exatamente. Achas que neste caso, o coordenador está preparado para lidar com a evolução das funções?

Docente - Pá, se me perguntares no meu caso...

Entrevistadora – Sim, sim, estamos a falar do teu coordenador...

Docente – O meu coordenador, acho que sim, acho que é uma pessoa extremamente competente que, com muitos anos de serviço, com muitos anos enquanto presidente, não é? e portanto acho que tem uma bagagem, e um *background* muito, muito, muito bom, não é? que lhe permite representar o departamento e estar à frente do departamento, de uma forma muito segura e muito capaz, não é? Se calhar, se fosse eu, ou outro colega com menos tempo de serviço, e com..., que não tivesse desempenhado as funções que ele desempenhou, se calhar não conseguia fazer metade do que ele faz. Eu acho que ele é extremamente competente e capaz também.

Entrevistadora - Ele dá a conhecer os principais documentos do departamento, estamos a falar do projeto educativo, projeto curricular de agrupamento, etc, e depois se o faz, como é que faz?

Docente - É assim, este ano, no início do ano letivo, eu não estive cá, mas eu acho que ele costuma dar a conhecer os documentos, normalmente fá-lo por mail, ou então apresenta-o no início do ano na reunião de departamento, dá a conhecer aos colegas o que é feito. Sim, acho que sim. Ou por mail ou então na própria reunião, em suporte de papel, ou em suporte informático. Sim.

Entrevistadora - Mas vocês depois discutem, de que forma é que o departamento poderá contribuir para os objetivos, por exemplo, do projeto educativo, ou...

Docente - Sim, sim, é sempre discutido, no início do ano letivo normalmente há sempre uma discussão sobre o que está correto, o que não está, o que correu bem no ano anterior, o que não correu, o que é que podíamos melhorar, como é que o departamento pode contribuir para, sim, ele faz muito.....faz esse trabalho, normalmente faz.

B. Mudanças surgidas nas práticas organizacionais / Processo de decisão

Entrevistadora – Achas que o departamento funciona onde existe uma verdadeira tomada de decisão, ou funciona mais como um órgão de informação?

Docente - Eu acho que há situações em que sim, em que o departamento toma uma decisão, e a nossa decisão prevalece. Outros casos acho que não, não é possível, porque por mais que nós queiramos, não é? há determinadas situações em que a nossa opinião, não, não, não prevalece, não é? porque havendo alguém acima de nós, não é? Com um poder superior ao nosso, então aí, pode vir de encontro àquilo que é pedido ou não, não é?

Entrevistadora - Sim, mas vocês tomam decisões, achas que o departamento hoje em dia, o órgão departamento funciona como uma verdadeira tomada de decisão, aí vocês têm hipótese de tomar decisões?

Docente - Sim, sim, acho que sim. Dependendo, é o que eu 'tou a dizer, dependendo do assunto, por exemplo, dependendo do assunto. Imagina que estamos a falar, da, sei lá, das, da quantificação, por exemplo, das diferentes competências, estou a falar da avaliação dos alunos, por exemplo. Esta foi uma discussão que tem havido, enquanto a avaliação dos alunos, por exemplo, os pântmetros que estamos a avaliar, e a quantificação desses parâmetros, não é? Essa tem sido uma discussão que temos vindo a ter, mediante os resultados que temos tido, não é? e que nós conseguimos sempre aferir e manter nos diferentes grupos do departamento, conseguimos sempre tomar uma decisão e uma decisão consensual.

Entrevistadora - Achas que o coordenador neste caso representa o departamento no conselho pedagógico, ou é mais um representante do conselho pedagógico no departamento?

Docente - Eu acho que ele é um representante do departamento no pedagógico.

Entrevistadora - E porque...

Docente - Porque acho que ele tem um papel ativo e tem, tem conhecimentos, não é? para também muitas vezes fazer prevalecer aquilo que ele entende que é correto, e que o departamento concorda também. Percebes?

Entrevistadora - Portanto não o vês só como veículo de transmissão de cima para baixo?

Docente - Não, não, não. Não vejo não.

Entrevistadora - Achas que a designação hoje em dia, do diretor....do coordenador pelo diretor causa-lhes, aos coordenadores, algum tipo de constrangimento?

Docente - O facto de eles serem nomeados pelo diretor?

Entrevistadora - Sim.

Docente - Ao meu coordenador não vejo que isso, que isso lhe traga muitos transtornos, não é? Porque ele é perfeitamente capaz de, de de desempenhar o papel. Agora, se calhar, noutros casos é capaz de causar.

Entrevistadora – Sim, mas, mas, o constrangimento é no sentido de “eu fui nomeada pelo diretor, portanto terei que seguir fielmente aquilo que se calhar o diretor pretende, e anulo-me um bocadinho como coordenadora”...

Docente - Ah, nesse aspeto, acho que não. No caso do meu coordenador, acho que não.

Entrevistadora – Portanto, isso independentemente se ele é eleito, ou neste caso nomeado ...

Docente – ou se é nomeado, eu acho que não lhe faz grande diferença.

Entrevistadora - Por exemplo, quando acontecem determinado tipo de mudanças, nomeadamente como aquela que estamos a assistir em termos de, de...

Docente - Horários...

Entrevistadora – Horários, de organização curricular, como é que ele acompanha, ou até a implementação de novos programas, como é que ele transmite essas mudanças e depois se, e de que forma é que acompanha essa implementação dessas mudanças?

Docente – Primeiro, ele fornece-nos os elementos necessários para nós nos inteirarmos daquilo que vai mudar. Começa por aí. E eu acho que ele faz isso de uma forma muito eficaz. Ele conhece perfeitamente a legislação, vai acompanhando sempre, está sempre a par da nova legislação, daquilo que está a sair, do que saiu, e do que está para sair, pronto. Informa-nos sempre de uma forma muito correta, sobre aquilo que saiu, e o que é que vai mudar, e como é que vamos mudar. E depois tenta fazer o melhor que pode, não é? tenta ir acompanhando, tenta ajudar na elaboração de documentos, na, na forma de implementação, ele tenta estar sempre a par e sempre, sempre atento, àquilo que se está a fazer. Mas eu acho que acontece, não só no meu grupo, porque ele é do meu grupo, não é? E aí eu sinto isso de uma forma mais efetiva, não é? porque ele é um elemento do grupo, e um elemento ativo do grupo, mas acho que ele tenta fazer isso e tenta estar a par daquilo que os outros grupos vão fazendo. Percebes? Eu acho que ele vai tentando acompanhar, se precisam de ajuda, se estão a conseguir fazer, se não estão. Acho que ele vai acompanhando.

C. Participação

Entrevistadora – Relativamente à participação, como é que tu te encaras enquanto participante do departamento? Ativa?

Docente – Ativa, sim, sim. Sem qualquer, sem qualquer problema.

Entrevistadora – Normalmente, voluntarias-te para determinado tipo de atividades, porque quando falo na participação, tem a ver com as reuniões, não é? mas também com o desenvolvimento das atividades que surgem ao longo do ano?

Docente – Sim, eu voluntario-me sempre que me é possível participar nas atividades e tento sempre colaborar o melhor que posso com o meu grupo, ou com o meu departamento, sim.

Entrevistadora – E o departamento, como é que tu o consideras?

Docente – Ó pá, acho que já, já foi melhor, não é? Mas pronto, acho que vai funcionando...

Entrevistadora – Mas em termos de participação, na sua maioria os elementos são ativos, passivos?

Docente – Sim, sim. Não. São, são elementos ativos. No meu departamento sim. São elementos ativos, na maioria, sim.

Entrevistadora – E o facto, por exemplo, de existirem elementos novos; ou seja: achas que de alguma forma, a mobilidade docente afeta a participação?

Docente – Ai, acho que sim...

Entrevistadora – E de que forma?

Docente – Pá, é assim, eu já estou aqui há alguns anos, não é? Portanto, já faço parte do departamento, mobília, não é? Então, à medida que vão chegando elementos novos, há aqueles que se adaptam mais à nossa forma de trabalhar, e outros que se adaptam menos, não é? e o facto de conheceres melhor ou pior as pessoas, também te dá, obviamente que tu trabalhas

muito melhor com alguém que já conhece há muito tempo, do que com alguém que acabou de chegar. Mas não...

Entrevistadora – Mas achas que eles se sentem inibidos...

Docente - Não, não. Não acho, não. Não acho que se sintam constrangidos por serem novos, não, não. E acho que também o próprio departamento tenta, não é? incluir os docentes novos e faz-los sentirem-se bem e participarem e darem a sua opinião. Acho que sim. Não vejo que...

Entrevistadora – De que forma é que o teu coordenador promove a participação dos vários elementos?

Docente – Mas ele tenta sempre dar a palavra a toda a gente, ouvir toda a gente e tenta que toda a gente participe. Tenta pedir opinião de toda a gente, não vejo que ele que diga... “Ah, porque é novo não pode participar...” Acho que até valoriza e diz: “Então se há gente nova com ideias novas, doutros sitios...” “Acho que sim, temos que aproveitar.

Entrevistadora – Como é que tu caracterizas a tomada de decisão, portanto quando vocês precisam de tomar uma decisão, como é que o processo se desenrola?

Docente – É muito democrático. O coordenador normalmente até faz o trabalho de casa e apresenta algumas propostas, não é? daquilo que se pode fazer, e depois se há consenso logo à partida, há logo consenso, não há problema, se não há consenso então vota-se e tenta-se escolher a melhor opção. Nunca nada é imposto. A menos que venha imposto de cima, não é? se é uma coisa que se pode decidir ou outros decidirem e discutir em departamento, é discutido e a decisão depois é o mais unânime possível. É óbvio que nem sempre se consegue 100% de consenso, não é, mas vai sempre pela maioria. É o que a maioria acha que se tem que fazer.

D. Trabalho

Entrevistadora – Como é que tu descreves o trabalho que é desenvolvido nas reuniões? Desde a ordem de trabalhos, até à forma como os trabalhos são conduzidos?

Docente – Acho que é bom.

Entrevistadora – Mas queria mesmo que tu me disseses quais são os assuntos tratados, o que é que consta da ordem de trabalhos...

Docente – Normalmente, o que consta da ordem de trabalhos são as diretrizes da reunião do pedagógico, e que é preciso resolver, e são questões de departamento, por exemplo, sei lá, a realização das atividades, ou implementação dos novos programas, por exemplo, aquilo que é na ordem do dia e que é necessário fazer, ele vai enviando por *mail*, sempre as convocatórias, vai-nos mandando material, junto com a convocatória da reunião, manda-nos material para nós nos irmos inteirando daquilo que vai ser feito e agilizarmos da melhor forma a reunião, por forma a ser célere e eficaz.

Entrevistadora – E as informações? São dadas no início, como é que são dadas?

Docente – No início. Portanto, começa-se pelas informações, informações do pedagógico, informações do correio que chegou ou de correio que ele recebeu via *mail*, portanto, ele primeiro informa-nos do que ... dá-nos as informações no início da reunião, depois passa-se para a parte mais prática da reunião, em que se discute o tema A, o tema B, e se tomam as decisões.

Entrevistadora – Achas que existe trabalho colegial no teu departamento? Trabalho de grupo?

Docente – De grupo, no meu departamento? Acho que sim. Dentro do possível, acho que sim. Acho que tentamos sempre, em... às vezes não é fácil, não é? por imposição dos horários, por imposição do trabalho das pessoas, não é? em função daquilo que cada um tem para fazer, mas acho que tentamos sempre, pelo menos no meu grupo, isso acontece, e eu tenho impressão que nos outros também, daquilo que eu vejo nas reuniões, não é? quando fazemos reuniões de departamento acho que há uma, não é necessidade, mas acho que há um espírito de, "ó pá se eu te puder ajudar, se eu te puder encontrar isto, ou arranjar aquilo, ou se me puderes dar isto ou aquilo", acho que há partilha, percebes e "olha, se tu fazes isto, e eu faço aquilo e fazemos, e tu fazes o outro, e então depois então no final juntamo-nos e vemos o que é que temos", percebes, acho que há...

Entrevistadora – Partilham materiais, ideias, estratégias...

Docente – Materiais, planificações, estratégias...Acho que tem sido, tem sido um trabalho de grupo mesmo, não tem sido um trabalho....

Entrevistadora – Só que tu estás-me a falar dentro de cada grupo...

Docente – Dentro de cada grupo.

Entrevistadora – e não em termos de departamento, não é? porque agora praticamente não existe o conceito de grupo, não é? temos o conceito de departamento e tu achas que o departamento consegue trabalhar como um grupo?

Docente – Sim, naquilo que é essencial, sim. Por exemplo na planificação das aulas, e nas aulas em sim, se calhar não se nota tanto, não é? Mas por exemplo na realização das atividades, sim. Há sempre partilha de ... “e posso te ajudar aqui, queres que faça aquilo?””O que é que eu posso fazer?”. Acho que sim.

Entrevistadora – Achas que nos últimos anos aumentou o trabalho burocrático do coordenador?

Docente – Óbvio que sim. Sem sombra de dúvida, como é óbvio. Acho que sim.

Entrevistadora - E achas que neste caso, ele lida bem com esse tipo de trabalho?

Docente – Sim, sim, são muitos anos a tratar de papelada, não é? isso deve ser o que menos o preocupa, ou não, não é? embora... porque também uma sobrecarga muito grande, não é? Ele está a lecionar e tem todo o outro trabalho para fazer. Mas acho que ele é muito, muito organizado e muito, muito capaz de tratar das papeladas. Acho que sim.

Entrevistadora – Achas que ultimamente têm sido atribuída, ao coordenador de departamento, uma maior função de controlo dos professores?

Docente – Sim, acho que sim, acho que também se está a tentar que ele faça isso. Agora Acho que sim, acho que tem sido atribuído esse papel, não é? até porque enquanto avaliador, não é? tem que controlar. E mesmo que não queira, não é?...

Entrevistadora - As coisas acabam por estar interligadas?

Docente – Sim, óbvio.

Entrevistadora – Achas que ele consegue desenvolver a articulação entre os vários professores do departamento?

Docente – Sim, acho que ele tenta que as pessoas conversem e tentem entreajudar-se.

Entrevistadora – Mas por exemplo, tu sentes isso fora das reuniões? Ou isso passa-se única e simplesmente na reunião formal? Portanto, na, na...Há espaço para o departamento fora das reuniões formais, ou ela... ou quando existe partilha...

Docente – É só no departamento? Não, acho é fora também. Sempre que ele pode. Ó pá, é óbvio que ele nem sempre está cá, não é? e que nem sempre tem disponibilidade para “olha, fulano precisa disto ou fulano precisa daquilo”, mas acho que vai ficando a ideia de que temos que trocar, trocar ideias e trocar opiniões. E então, o pessoal também vai tentado fazer isso. Sim.

Entrevistadora – Existe um afastamento, quando é preciso tomar uma decisão, entre a posição dele e todo o resto do departamento?

Docente – Dependendo do tema.... Normalmente, não. Mas às vezes acontece. Às vezes acontece, não é?

Entrevistadora - Que ele se afasta da...

Docente - Que a opinião dele é um bocadinho diferente da opinião do resto do departamento, ou da maioria dos grupos do departamento. Acontece, acho que é..., não é? tem a ver com a opinião pessoal dele, não é? com aquilo que ele...

Entrevistadora - E não com o facto de Não está relacionado com a função que ele desempenha?

Docente - Não, eu acho que quando é preciso tomar decisões, ele se coloca como um colega, e não como: "eu é que sou o coordenador e eu é que sei", não, acho que ele se coloca como colega e normalmente diz, "a minha opinião é esta, eu penso que o caminho é por aqui, mas isso é a minha opinião", não é? depois as pessoas tomam o caminho que entendem melhor, não é? porque é como eu já te disse há bocado, ele tenta-nos fornecer as informações todas e depois cada um, a partir daquilo que leu, a partir daquilo que viu, tem que tomar a sua decisão. Mais consensual com a dele, ou menos, mas...

Entrevistadora - Tu sentes, por exemplo, que as pessoas quando partem para essas reuniões de departamento, tendo essas ferramentas, estão realmente na posse das informações para tomar as decisões, toda a gente, achas que faz o trabalho de casa?

Docente - Toda a gente, toda a gente não. Mas eu acho que as pessoas têm consciência daquilo que vão para ali fazer. Por acaso o departamento nesse aspeto... Há muita gente que já tem informação antes do coordenador a dar, mas também há muita gente que a partir da informação que ele dá, que faz o trabalho de casa e se prepara para ir para a reunião, acho que sim.

E. Liderança

Entrevistadora – Como é que tu descreves o tipo de liderança exercida pelo teu coordenador? Como é que ele é enquanto líder?

Docente – Eu acho que ele é um....enquanto coordenador é, eu acho que ele é um bom líder, porque ele dá-nos as ferramentas para trabalhar, não faz por nós, percebes, ele dá-nos espaço para que nós tomemos a nossa, a nossa opção e que trabalhemos a partir dali. Não é um líder impositor, não sei se a palavra existe, mas pronto, não é mandão, estás a perceber, ele dá-nos as informações para que nós façamos as coisas.

Entrevistadora - Achas que ... de que forma é que essa liderança...

Docente – E distribui, distribui trabalho, é um líder que distribui, há isto e isto para fazer, então quem é que faz isto, quem é que faz aquilo.

Entrevistadora - De que forma é que esse tipo de liderança conduz à participação dos elementos do departamento?

Docente – Oh, é muito favorável, não é? porque não é nada imposto, tu à partida escolhes aquilo que queres fazer, não é, acho que é muito bom, para quem está no departamento, porque nos faz sentir à vontade. Sabemos que vai vir isto para fazer, ou o que é que eu posso fazer, olha eu gosto mais de fazer isto, ou podemos fazer aquilo, vamos...

Entrevistadora - Achas que no teu departamento existem líderes informais? Portanto ele como coordenador, obviamente que é um líder formal, não é? Mas ele dá espaço para que surjam líderes informais?

Docente – Eu acho que acabam sempre por haver líderes informais, nos outros grupos, não é? Há sempre alguém que toma as rédeas, agora não havendo a figura de coordenador de grupo, não é? ou de secção, como se chamava antigamente, acho que tem que haver sempre um motor de arranque em tudo, não é? E acho que há sempre alguém que é mais ativo e que está sempre mais atento para pôr o grupo a trabalhar. Acho que sim.

Entrevistadora - Para terminar, o que é que tu consideras um coordenador eficaz?

Docente - Um coordenador eficaz. Essa pergunta é difícil. Não. Um coordenador eficaz, acho que à partida tem que ser alguém que orienta o grande grupo, para começar, não é? que é capaz de transmitir de forma correta, e de forma isenta, não é? aquilo que ouve, por exemplo no pedagógico, e que é capaz de trazer informação para o grupo, não é? E que por sua vez, também é capaz de levar as informações do grupo e fazê-las valer no pedagógico, por exemplo, não é? E acho que também tem que ser alguém que ajuda e que vai apoiando os colegas, aqueles que têm mais necessidade, não é? ou porqueseja lá porque motivo for. E que nos vai mantendo informados daquilo que vai acontecendo. Acho que isso é um bom coordenador.

Entrevistadora - Queres acrescentar mais alguma coisa?

Docente - Não. Gostei muito deste bocadinho!

Entrevistadora - Muito obrigada!